

# Documentário sobre vodu e orixás abre evento

da Equipe de Articulistas

O 31º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro será aberto domingo à noite, com a exibição "hors-concours" do curta-metragem "Novembrada", de Eduardo Paredes, e do documentário "Atlântico Negro - Na Rota dos Orixás", de Re-

nato Barbieri.

"Novembrada", eleito melhor curta pelo público do último Festival de Gramado, reconstitui o confronto entre o governo e a oposição nas ruas de Florianópolis durante a visita do então presidente João Baptista Figueiredo à cidade, em 1979.

## África e Brasil

O inédito "Atlântico Negro - Na Rota dos Orixás" documenta as relações socioculturais entre a África e o Brasil motivadas pelo tráfico de escravos.

Mas calma: não se trata do enésimo apanhado exótico-turístico das belezas do candomblé e da capoeira na Bahia.

Embora realizado dentro de um formato bastante convencional, o filme de Renato Barbieri beneficia-se da escolha de um ângulo original, que privilegia a cultura vodu, de origem jeje-daomeana, difundida principalmente na região do Maranhão.

Claro que o candomblé também está no documentário, mas tratado num contexto histórico mais amplo.

O que o filme faz é buscar, no atual Benin (o antigo Daomé), na costa ocidental africana, os traços remanescentes das culturas africanas transplantadas para o Brasil pelos escravos.

No Daomé, entre os povos de língua jeje e iorubá, surgiram e conviveram durante séculos o culto dos

orixás e o vodu.

Hoje coexistem na região três grandes vertentes religiosas: o catolicismo, o islamismo e aqueles antigos cultos tribais.

## Dionisíaco e sóbrio

A força de "Atlântico Negro" está em mostrar a continuidade temporal e geográfica desses cultos, por sobre os séculos e o oceano.

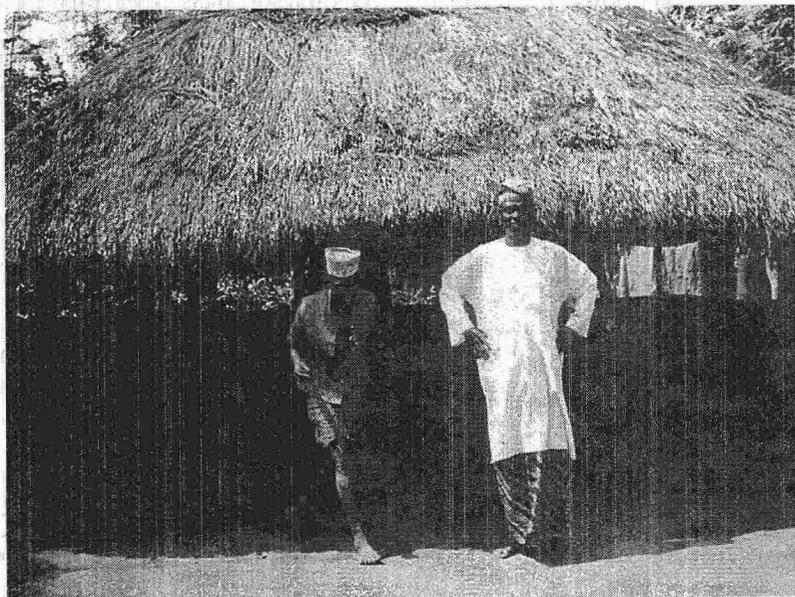
Os dois pontos altos do filme são o diálogo, via vídeo, entre dois sacerdotes vodus —um no Maranhão, o outro no Benin— e o rastreamento do que restou no Benin da passagem dos negros brasileiros que voltaram para lá.

É curioso descobrir que até hoje há festas brasileiras na região, embora a língua portuguesa já tenha sido quase totalmente esquecida.

Além disso, o documentário tem o mérito de ser muito bem realizado, abrindo-se às cores vivas e à música sensual dos ritos africanos.

Toda essa festa dionisíaca se equilibra com os depoimentos sóbrios (às vezes até demais) dos estudiosos, compondo um filme vibrante e informativo.

(JGC)



Filmagem de 'Atlântico Negro - Na Rota dos Orixás', que abre o evento



José Lewgoy e Julia Lemmertz em 'A Hora Mágica', de Almeida Prado